

# **SOCIUS Working Papers**

**Kachia Téchio**

**"Conhecimentos de alterne:  
a outra diáspora das imigrantes brasileiras"**

**Nº 2/2006**

**SOCIUS - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das  
Organizações  
Instituto Superior de Economia e Gestão  
Universidade Técnica de Lisboa  
Rua Miguel Lupi, 20  
1249-078 Lisboa  
Tel. 21 3951787 Fax:21 3951783  
E-mail: [socius@iseg.utl.pt](mailto:socius@iseg.utl.pt)  
Web Page: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/index.htm>**

## **Conhecimentos de alterne: a outra diáspora das imigrantes brasileiras**

**Kachia Téchio <sup>1</sup>**

### **Resumo**

Os registros expostos neste texto partiram de uma perspectiva de tentar perceber, reconhecer e dar voz a vivências no campo da experiência migratória de mulheres brasileiras, não documentadas, trabalhadoras em uma casa de alterne nos arredores de Lisboa. Inicialmente apresentam-se imagens do ambiente e dos atores entrevistados. Em seguida abordam-se aspectos do funcionamento das redes de confiança, a forma ténue e frágil como se iniciam, os motivos por vezes subjectivos que levam a aceitação de um novo indivíduo e os motivos quase sempre económicos que determinam sua expulsão. E finalmente, pautando-se nas experiências observadas no terreno, propõem-se algumas considerações acerca dos conceitos de transnacionalismo e diáspora, buscando verificar como estes se enquadram nas experiências destas imigrantes, experiências estas que permitem uma ampliação do conceito de diáspora.

**Palavras-chave:** imigração brasileira, diáspora, famílias transnacionais, trabalhadoras do sexo

### **Introdução**

A experiência migratória se constitui em uma preocupação atual de diferentes atores da sociedade. Cada autor analisa aspectos diversos e lhes assegura um tratamento conforme seu enquadramento social ou sua formação académica. Nesse campo temos os meios de comunicação, as organizações não governamentais, as organizações governamentais, os cientistas sociais, etc.

Os meios de comunicação, principalmente, oportunizam a construção de um imaginário social pautado no (des)conhecimento, na (des)informação. Neste discurso os imigrantes geralmente aparecem como protagonistas de

---

<sup>1</sup> CEMME (Centro de Estudos de Migrações e Minorias Étnicas), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. E-mail: kachia@alunos.fcsh.unl.pt.

estereótipos negativos ligados a marginalidade, a mendicância, a prostituição, desemprego, entre outros.<sup>2</sup>

Demógrafos, geógrafos, economistas, antropólogos e sociólogos vem produzindo conhecimentos acerca dos processos que se constituem em diversos fenómenos migratórios, cuja heterogeneidade não possibilita pautar-se numa teoria geral que inclua a todos.

Alguns autores alertam para as consequências de se tratar a migração como algo que ocorre com pessoas ou como uma manifestação de problemas que a sociedade apresenta, e, ainda, para as consequências relacionadas a conceitualização dos fenómenos migratórios, no sentido de considerá-los como um mesmo fenómeno social, quaisquer que sejam os grupos sociais que se movimentam e quaisquer que sejam as causas dessa movimentação (Arguello, 2001).

Neste texto, buscou-se uma abordagem que desse voz ao 'outro', ao objecto do olhar, ao 'exterior': a imigrante. Dussel (1973) aponta que toda existência humana se dá em um marco moral/imoral e a ética moderna da totalidade é radicalmente imoral porque suprime o 'outro'. Os registros expostos neste texto partiram de uma perspectiva de tentar perceber, reconhecer e dar voz a vivências no campo da experiência migratória de mulheres brasileiras, não documentadas, trabalhadoras em uma casa de alterne nos arredores de Lisboa.

Este texto inicia-se apresentando imagens do ambiente e dos atores entrevistados. Em seguida aborda aspectos do funcionamento das redes de confiança, a forma ténue e frágil como se iniciam, os motivos por vezes subjectivos que levam a aceitação de um novo individuo e os motivos quase sempre económicos que determinam sua expulsão. E finalmente, pautada nas experiências observadas no terreno, propõem-se algumas considerações acerca de transnacionalismo e diáspora, buscando verificar como estes conceitos se enquadram nas experiências destas imigrantes.

---

<sup>2</sup> Relatório Média, Imigração e Minorias Étnicas do Observatório da Imigração, Maio/2004.

## **Justificativa**

Machado (2003), em sua tese intitulada *Cárcere Público*, demonstrou que o estereótipo da mulher brasileira em Portugal está ligado a 'alegria e sensualidade'. Ao assumir-se como uma trabalhadora da noite, a imigrante recebe uma sobrecarga de exclusão social que promove ainda mais a ghetização de seus saberes e reforça a construção de redes de confiança que constituem-se em pequenas 'comunidades' intransponíveis aos nacionais. Através das redes as imigrantes, em grande parte não documentadas, se inserem no mercado de trabalho, alugam moradias, decidem sobre que formas utilizar para fazer remessas, que tipo de investimentos fazer no Brasil ou mesmo no país receptor, escolhem os profissionais de saúde que irão lhes atender, escolhem em quais lojas comprar, escola para os filhos, e principalmente, escolhem quem poderá ou não adentrar a rede. Também julgam seus membros e, não raramente, os excluem quando seus comportamentos não estão adequados aos objectivos da pequena 'comunidade', que normalmente são: permitir aos seus integrantes uma relativa segurança em meio a panacéia de problemas económicos, sociais e jurídicos consequentes de sua situação como imigrante, e como imigrante não documentado.

Na maioria dos casos o projecto migratório das entrevistadas iniciou-se como projecto económico familiar. Não é raro encontrar vários membros de uma mesma família com períodos diferentes de estadia no exterior. Uma mulher pode passar um período no país receptor e retornar ao Brasil para ver a família ou os filhos, sendo primeiramente substituída pela irmã ou prima que ao chegar assumem seu lugar, tornando-se por vezes responsáveis pelo negócio em andamento, que pode ser a organização de festas, uma pequena loja de lingerie, a venda de perfumes porta a porta, etc, todos produtos vindos do Brasil. Nesse aspecto, Portes (2001:p.479) aponta que 'el cultivo de fuertes redes con el país de origen y la instrumentación de iniciativas económicas y políticas basadas en estas redes puede ayudar a los inmigrantes a consolidar su posición en la sociedad receptora y superar con mayor eficacia sus barreras'. A 'substituta' também assume as tarefas quotidianas de alterne, que lhe asseguram alguma estabilidade para continuar com os investimentos tanto

no Brasil como no exterior. Estas são experiências que permitem uma ampliação do conceito de diáspora.

## **Metodologia**

Este texto tem como base diversos pontos de vista relatados em uma visita a casa de alterne e entrevistas<sup>3</sup> realizadas nos arredores de Lisboa, entre maio e julho de 2005, com cinco mulheres entre 17 e 45 anos. A construção do diálogo implicou na tentativa de remoção de pré conceitos e orientou-se, especialmente, no sentido de trazer à tona o pano de fundo dos acontecimentos, os conhecimentos<sup>4</sup> e as diversas implicações das políticas direccionadas a estas imigrantes e de revelar as representações sociais, muitas vezes positivas, formuladas do ponto de vista do 'excluído'.

Os relatos orais obtidos pelas entrevistas revelaram, no universo quotidiano das relações sociais, o não explícito, o invisível, representações e significados do real muitas vezes elaborados no plano subjectivo, fundamentais para pensar a questão. As entrevistas eram momentos em que se presenciava não apenas os fatos mas 'a maneira de ser e de pensar de outrora que se fixam dentro da memória' (Halbwachs, 1990,p.66). Assim, 'as subjectividades emergem, fazendo com que a etnografia a ser realizada apresente conteúdos que vão além das interpretações dos significados dos fatos objectivos' (Bernardo,1998,p.33).

O carácter social que cada memória individual carrega define-se pela compreensão comum dos símbolos e "pela comunhão de noções compartilhadas com os membros do grupo social" (Barros, 1989).

---

<sup>3</sup> Bachelard (1975) é enfático ao falar do papel das perguntas no processo de criação de conhecimento. Entre outras afirmações, o autor aponta que 'para um espírito científico todo conhecimento é uma resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é espontâneo. Nada está pronto. Tudo se constrói'. Ainda, Arguella aponta que 'dado que toda respuesta supone una pregunta, en estos casos seguramente ocurre que el investigador toma, sin saberlo, preguntas archivadas en su subconsciente que há registrado em lecturas previas, sin la posibilidad de tomar los recaudos para monitorear la armonía entre las preguntas y las respuestas. La consciencia que el investigador tenga sobre las preguntas a responder, es lo único que posibilidata su control sobre el desarrollo de la investigación' (Arguella, 2001:p.491).

<sup>4</sup> O quotidiano dos indivíduos aporta inúmeros e diversos conhecimentos, e eles podem ser tão concretos, como veremos adiante em uma situação em que uma imigrante faz um aborto, ou abstractos como a ciência,. O método é o diferencial que faz com que os conhecimentos científicos possam ser verificados. (Arguella, 2001).

A aproximação com estas entrevistadas nos leva a um universo regido por normas e valores que revelam, em particular, experiências positivas que se desencadeiam com base em sentimentos e lembranças recorrentes nas narrações que se aprofundam e elaboram gradativamente. Falar 'sobre' é reconstruir de forma reflexiva sua própria história. Só 'a reflexibilidade, que é sinônimo de método, baseada num 'trabalho', num 'olho' sociológico, permite perceber e controlar no campo, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza' (Bourdieu, 1997, p.694).

Erros e dificuldades são rotineiros na busca deste olho sociológico, especialmente nas situações de observação participante na casa de alterne, que se desenrolaram ao longo de uma semana, coladas à dinâmica do cotidiano. A música alta, o entra e sai de pessoas, os shows na TV, as garrafas de bebida sobre a mesa, enfim, as situações espontâneas funcionaram como fios condutores de cada conversa, estimulando temas que iam sendo trabalhados de acordo com as diretrizes da pesquisa. Bourdieu (1997:p697) aponta que

'quando o interrogador esta socialmente muito próximo daquele que ele interroga, ele lhe dá, por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas; suas escolhas vividas como livres, reduzidas aos determinismos objetivos revelados pela análise. Por outro lado esse acordo se afirma na emissão apropriada, sempre difícil de ser produzida de maneira consciente e intencional, de todos os sinais não verbais, coordenados com os sinais verbais'

Assim, 'enquanto um ator interroga outro ator com o qual ele compartilha a quase totalidade das características capazes de funcionar como fatores explicativos mais importantes de suas práticas e de suas representações, ao qual ele está unido por uma relação de profunda familiaridade' (Bourdieu, 1997:p.698), caminhamos passo a passo, pesquisadas e pesquisadora brasileiras, no sentido da delicada construção de reconhecimento, respeito e interação fundamentais em uma relação carregada de evidentes diferenças sociais, culturais, econômicas.

Ainda, para Geertz (1989:p.15), 'praticar a etnografia é estabelecer relações, seleccionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário...' O autor aponta que 'ao compreender o que é a etnografia, ou mais exactamente, o que é a prática etnográfica, é que

se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento'. Nessa interação com o 'outro' olha-se, organiza-se a experiência e esse compartilhamento de conhecimentos se insere como peça axial e fundamental para a construção de espaços de protecção onde emergem novas possibilidades de construção de mecanismos de inclusão a partir das exclusões vivenciadas pelos indivíduos enquanto sujeitos, que também podem construir/afectar a realidade local, para além da inclusão/exploração de seus corpos como força de trabalho.

### **A casa de alterne**

Não havia luzes coloridas rodopiando no teto, e não haviam holofotes focados no palco porque também não havia palco. Nem mesmo um minúsculo caixote que pudesse servir de palco. O que havia era uma televisão de tamanho médio pendurada, quase na linha do olhar, em um dos cantos. Nela, duplas sertanejas brasileiras cantavam as dores de todos os amores perdidos e impossíveis. E isso era o que dava todo o 'clima' de casa de alterne. [Acho eu].

Mesas baixas e pequenos bancos de madeira disputavam espaço com os pés enfileirados. Um balcão frigorífico fazia a separação entre a parte dos clientes e a parte da casa. Atrás dele duas mulheres brasileiras de meia idade, vestidas em calças e camisas, sem saltos nem maquiagem, atendiam com uma simpatia simples. Me aproximei da que tinha os cabelos pintados de louro. Ela afirmou que eu poderia ficar ali e também não haveria problemas em eu abordar os clientes. Saiu de trás de balcão, baixou o volume da tv que fazia as vezes de palco e se dirigiu a clientelada: 'esta moça esta fazendo uma pesquisa, quer falar com vocês', ao que a clientelada respondeu com olhares de curiosidade e uma pergunta: pesquisa pra que? Não é vendedora né?

E foi assim. Eu já fazia parte dos personagens de uma noite numa casa de alterne. Fiquei imaginando depois daquela noite quem teria mais histórias para contar. Talvez na próxima viagem um dos camionistas que ali estavam contasse aos seus amigos: 'então eu tava lá bebendo minha cerveja de sempre quando a R. [proprietária] baxo o volume e apresento uma guria, dava pra ver na cara que ela não percebia nada daquilo, pra ajuda, fui logo convidando ela pra sentar e ofereci um café'. E ele não estará mentindo. Foi mesmo assim que começou minha conversa com aqueles homens, brasileiros, naquela noite

naquela casa de alterne. Me senti aliviada pela iniciativa de conversa ter partido deles pois, naquele momento, eu não sabia mesmo o que dizer.

Nessa 'casa' a proprietária emprega as recém chegadas na cidade e em Portugal. Há uma presença não quantificada de mulheres, normalmente não documentadas, que permanecem por alguns períodos, recebidas pela solidariedade baseada na indicação de pertencer a uma mesma cidade natal, ou pela origem brasileira [só trabalham brasileiras na casa]. Ou seja, é um espaço de domínio verde e amarelo, onde muitos dos clientes também são brasileiros, assentando-se assim no extremo oposto de qualquer processo de assimilação.<sup>5</sup>

E [ingenuidade minha] não havia paetês, nem plumas emoldurando os corpos curvilíneos das mulheres. O que havia eram camisas de tecido comum e saias a quatro dedos acima do joelho, cobrindo corpos que poderiam ser de professoras, médicas, vendedoras, políticas ou qualquer outro tipo de trabalhadoras.

O que denunciava não estarmos numa padaria ou na igreja era o conjunto formado pela maquiagem, batom vermelho bem aplicado, olhos fortemente contornados tentando atenuar expressões cansadas, unhas compridas e bem cuidadas, perfumes atraentes porém aplicados em ligeiro excesso, cabelos bem escovados e algum exagero nos enfeites de pescoço, orelhas, braço e tornozelo. Sentia-se que aquele corpo fora coberto por cremes de toda espécie, para os pés, pernas, mãos, colo e pescoço. E eram só essas as partes que estavam a descoberto. Porém, novamente, este conjunto de maquiagem, perfumes e cremes encontra-se quotidianamente como 'uniforme' nas trabalhadoras em lojas de griffe, empresas aéreas e outras, agencias de viagens, fundações culturais, agentes imobiliárias, etc

### **As malhas de uma rede: tráfico ou confiança?**

O tráfico internacional de seres humanos, de acordo com dados da ONU, movimentada de 1 a 4 milhões de pessoas, sendo que as maiores vítimas

---

<sup>5</sup> Descrito por Portes como 'el aprendizaje y la adopción graduales del idioma, de la cultura y los patrones de conducta de la sociedade de recepción y el abandono correspondiente de los países de origen'. Ainda, o autor aponta nao acreditar que no mundo contemporâneo este processo progredisse com facilidade visto que 'los inmigrantes relegados al extremo inferior del mercado laboral del país de acogida y objeto de discriminación por su características fenotípicas o culturales enfrentam serias barreras a la integración exitosa' (2001:p.478).

são mulheres jovens e meninas aliciadas pelo tráfico para exploração sexual. Trata-se da terceira maior actividade ilegal no mundo, só ficando atrás do tráfico de armamento e drogas. Nesse contexto, os países em desenvolvimento são os principais centros emissores para países receptores situados na Europa, com destaque para Alemanha, Holanda, Suíça, Itália, Espanha e Portugal. O Brasil responde com cerca de 15% das mulheres que deixam a América Latina para trabalhar em prostíbulos no mundo inteiro<sup>6</sup>. Um estudo de Leal e Leal (2002) aponta que, das oitenta rotas de tráfico internacional de mulheres brasileiras apuradas, quarenta tinham como destino Espanha e Portugal.

A situação da migração ilegal feminina, para comercialização sexual, tem aumentado muito nos últimos anos na Europa.<sup>7</sup> A PF - Polícia Federal Brasileira – a cada mês desmonta novas quadrilhas organizadas, através da intermediação entre proprietários de agências de turismo, agenciadores e receptores em casas noturnas estrangeiras.

A construção da identidade brasileira no exterior, ancorada em ícones como samba, carnaval, mulatas e futebol, contribui decisivamente na fomentação de um imaginário social que vê nas brasileiras produtos de fácil e rentável aceitação no mercado internacional do sexo. Este imaginário social europeu é conhecido e comentado entre as candidatas a imigração.

Apesar da importância reconhecida das redes de tráfico para exploração sexual, deve notar-se que, no espaço desta pesquisa, não se encontrou acção das redes profissionais de tráfico. Toda a movimentação das mulheres aqui registrada é autónoma e está pautada em redes de confiança estabelecidas ainda no Brasil. Um dos aspectos que leva as famílias inseridas nessas redes de confiança a optar por Portugal como país de destino sem dúvida é a facilidade com a língua, o que proporciona 'autonomia' e confere 'independência', afastando as imigrantes de possíveis situações de exploração laboral forçada.

Os objectivos da migração revelam-se bastante parecidos em todos os casos: conseguir um emprego melhor, juntar dinheiro para comprar uma casa

---

<sup>6</sup> Denúncia apresentada no 1º Seminário Internacional sobre Tráficos de Seres Humanos, ocorrido em 2000, em Brasília.

<sup>7</sup> Dados da Fundação Helsinque, em 14.04.2005, apontam que há cerca de 75 mil mulheres brasileiras trabalhando na indústria do sexo em países da Europa.

ou apartamento, reformar a casa da família, pagar dívidas, pagar estudos dos filhos ou irmãos, pagar operações de saúde de alguém da família, comprar um carro ou moto, comprar eletrodomésticos, abrir um pequeno negócio como salão de beleza, padaria, mercearia, sorveteria, lanchonete, ou nos casos de famílias do meio rural comprar animais e máquinas para trabalhar. Porém, antes de se aproximar da realização de qualquer destes objectivos a imigrante precisa pagar as dívidas que foram efectuadas pela família para garantir a viagem, o que normalmente envolve empréstimos de familiares, amigos, e até agiotas, bem como a venda de móveis, telefones e outros bens familiares.

As imigrantes aqui entrevistadas possuem formação escolar a nível de segundo grau. Três delas desenvolviam actividades laborais básicas pelas quais recebiam um salário mínimo, uma apenas estudava. Anteriormente à migração estas quatro mulheres não haviam tido qualquer ligação a actividades de exploração sexual. A quinta entrevistada, R., 45 anos, proprietária da casa de alterne, já havia participado em actividades ligadas a exploração sexual, porém relata que ao migrar sua intenção era abrir uma loja de roupas.

A formação académica incompleta, a formação profissional não qualificada, somadas a fatores como idade, falta de domínio de outras linguas e articulada com as situações de ilegalidade, aproximam/empurram estas imigrantes para a sempre presente hipótese de trabalhar com a comercialização do sexo<sup>8</sup>.

As redes são construídas sobre bases frágeis, através da informação de um conhecido distante que conhece alguém que está no exterior, ou quando o parente de alguém retorna para férias. E assim o conhecido do conhecido de alguém torna-se o ponto inicial de informação e apoio. Após este impulso inicial a própria família passa a ser fornecedora de informações para outras famílias que pretendam iniciar o processo migratório.

Porém, mesmo dentro dessas redes de confiança, podem ocorrer situações de fraude ou alteração dos projectos iniciais, que são frequentes na actuação das redes profissionais. É o caso da situação vivida por P., 17 anos, que inicialmente migrou para a Espanha através do namorado de 24 anos, que

---

<sup>8</sup> Como referi anteriormente, as entrevistadas relatam ter conhecimento de que 'mulher brasileira faz sucesso em Portugal'. A possibilidade de encontrar um namorado rico, um amante ou comercializar seu corpo é algo latente no pensamento dessas mulheres, que vão para 'um lugar onde ninguém me conhece, posso fazer o que eu quiser'.

obteve de um traficante brasileiro em Madri documentos falsos se responsabilizando pelos meios de subsistência da menor. Apaixonada, chegou a capital espanhola, mas a realidade que a esperava estava longe de ser a sonhada lua de mel no início da vida 'marital'. O namorado estava desempregado e P. teve que morar em vários quartos com pessoas estranhas, até ser 'iniciada' pelo namorado.

Acho que já fazia três meses que eu tinha chegado, o C. [namorado] ficou desempregado de novo, e tivemos que aceitar a proposta do M. [traficante], era pra ficar só um tempo, até C. achar trabalho. Mas ele não achava. Aí surgiu uma conversa na boate onde ele tinha trabalhado como segurança. Lá tinha um cara que se dizia professor de dança e precisava de uma parceira. O C. me levou lá. Comecei a dançar [me mostra as fotos]. Depois C. me disse que eu precisava fazer um esforço enquanto a gente tava naquela situação e na boate as meninas podiam ganhar um bom dinheiro fazendo os clientes comprar bebida. Era só meter conversa e pedir para eles pagarem uma bebida. Eu ouvia muita bobagem, cada coisa nojental! (respira fundo, olha pro chão) e o C. ficava nos fundos espiando e chorava. Quando eu ia no banheiro ele ia lá me dava um abraço e pedia desculpas (P., 17 anos)

Depois de oito meses sem conseguir um emprego melhor por não ter idade nem formação, P. ouve na boate que em Portugal era mais fácil conseguir um bom emprego, e mesmo sem conhecer ninguém decide seguir para Lisboa. Durante todo esse tempo P. mentia a família dizendo que estava bem e ainda não estava trabalhando porque queria encontrar alguma coisa melhor. Assim, chega em Lisboa com uma mala e cinquenta euros no bolso. Na estação rodoviária pede informações a transeuntes e lhe indicam a Costa da Caparica como um lugar onde vivem muitos brasileiros e onde provavelmente iria encontrar quem a auxiliasse. Chega a Costa e na praça conhece S., 33 anos, vinda da mesma cidade natal. S. se comove com tanta desgraça em tão pouca idade e lhe indica um trabalho numa frutaria. Lá P. era autorizada a comer as frutas mais amassadas, aquelas que os clientes não irão comprar, e isto resolve sua fome até o primeiro pagamento. No Brasil morava com a avó, tinha um quarto individual e só estudava. Na Costa vai morar em uma barraca na 'mata', sem luz nem água. A 'paixão' fez com que decidisse abandonar a vida familiar e emigrar e as duras experiências que viveu quer esquecer, mas não consegue; as cenas e vozes das noites de alterne lhe visitam em pesadelos. Ela as relata como forma de expurgar seus demónios, mas somente após ter a promessa de que a família jamais irá saber.

Posteriormente foi indicada para trabalhar num restaurante e diz ter aprendido muita coisa: 'nunca mais vou ser boba e deixar um homem me usar desse jeito, isso de amor é tudo mentira, se eu não desse jeito tava lá até hoje trabalhando pra sustentar os dois e sabe mais o quê ele ia me pedir pra fazer'. Porém, no restaurante foi extremamente assediada e teve sérios problemas de relacionamento com o gerente que tinha o 'hábito' de, ao passar, dar apalpadelas no traseiro das funcionárias. Traumatizada pelas experiências em Madri, P. não deixou passar e quase houve tapas; uma funcionária mais velha apaziguou os ânimos dizendo a P. para ter calma e, ocultamente, dizendo ao gerente que não valia a pena e que P. tinha uma doença séria. A mentira salvou o emprego e lhe garantiu protecção temporária.

Com o tempo P. demonstrou ser uma 'carga' para as colegas, pois não era capaz de controlar sua revolta e foi demitida em dois empregos. S. acabou se afastando física e emocionalmente. Desanimada, escolheu não ver mais o que acontecia:

'tenho que cuidar de mim, estar aqui [no estrangeiro] não é qualquer um, é preciso ser forte, aguentar as humilhações, viver sem conforto e usar a cabeça, não dá pra ficar se deprimindo e chorando pelos cantos porque não vem ninguém pra te salvar, se tiver alguma amiga, é erguer as mãos pró céu e tratar bem dela, mas sem abusar, porque não é todo dia que aparece alguém que se pode confiar'(S.33 anos)

Assim, da mesma forma 'fácil' como P. foi inicialmente aceita, após alguns meses sem demonstrar esforço, adaptação e sem 'dar contribuições' significativas, ela foi posta de lado. As suas 'amigas' deixaram de visitá-la e não lhe enviam mensagens pelo celular<sup>9</sup>. Instaura-se assim uma ruptura, a imagem da indolente, pouco esforçada, que está acostumada a ganhar fácil e desperdiçar, que é desorientada, não tem solução, que vive em função de 'algum dia vir a ser alguém' e não tem potência, no sentido de força, para mudar. P. perdeu seu status no grupo e sente-se sozinha e impotente. Esse 'desligamento' parece, por vezes, ser mais doloroso que o desligamento familiar pois, no Brasil, a família constrói e propaga uma ilusão de sucesso que garante um espaço de inserção quando a migrante retorna. Mas, no exterior, diante dos membros da rede, não há nenhuma possibilidade de inventar ilusões. Todos os indivíduos conhecem e vivem na carne os problemas em

---

<sup>9</sup> Mensagens pelo celular é a forma mais usada para comunicação entre as imigrantes, pois as ligações telefônicas custam muito caro e estão acima de suas condições financeiras.

seus pormenores. Esta impossibilidade de fantasiar sua rotina, este ter que enfrentar a realidade (des)vestida de cor é como uma fina mortalha que lentamente toma conta das faces, antes alegres e cheias de vida, agora secas e pesadas.

### **Pedras no meio do caminho: abortos ou novas estruturas familiares**

Como em qualquer actividade profissional, o quotidiano numa casa de alterne tem seus percalços. Um deles é o fato de muitos clientes optarem por não usar preservativos e, neste caso, a mulher precisa tomar uma decisão, e toda responsabilidade por esta decisão será assumida unicamente por si. Neste aspecto, chocou-me ouvir seus relatos, pois diante de problemas graves como gravidez e Sida, eu imaginava que, como profissionais, elas deveriam conhecer e utilizar ferramentas para protecção de sua saúde, e manifestei-lhes minha opinião, ao que ouvi

Na primeira vez eu exijo que use [o preservativo] porque não conheço o cara, mas depois vai ficando conhecido e começa a reclamar que é ruim, que assim não vale a pena e que vai procurar outro lugar e aí não tem jeito, é deixar ou perder, e não posso perder cliente todo dia. Pra evitar a gravidez tomo pílula, mas já aconteceu de esquecer uns dias e passar o resto do mês no risco. (H, 42 anos)

Eu até me cuidava, tava zerada e só deixava com camisinha, aí veio um cliente, bom tipo até, no começo pagava o tempo só pra conversar, depois me disse que 'não conseguia' com camisinha. Ele era simpático, tinha bom aspecto, acabei deixando, mas me descuidei com a pílula e engravidei. Tirei logo. Foi só o tempo de chegar o comprimido do Brasil. Mas depois não tive mais sorte, acho que fiquei desregulada porque quando vi tava grávida de novo, e de novo, uma desgraça menina! Sofri muito, tinha dor todo dia e ia trabalha do mesmo jeito, foi o tempo mais f.d.p. que passei aqui, mas sobrevivi. Tive até que parar [com a actividade de alterne] por uns tempos e ir trabalhar num bar, ganhava uma miséria, não dava pra nada. Mas não desisti que não sou mulher de pouca força. O problema é que não se pode ir no médico, eles denunciam. Na última vez deu tudo errado, a P. tava comigo em casa, e acho que não saiu tudo, tive febre que não baxava mais. No dia seguinte fui numa médica. Ela pediu se eu tinha abortado, disse que não, aí pediu se 'caso eu tivesse grávida eu ia querer ter o bebé', e eu disse que não, e aí percebi que tinha me f., fiquei com medo. Ela pediu pra mim volta no dia seguinte faze uma curetagem e nunca mais apareci lá. O pior foi que as dores não passavam nunca, eu fiquei três meses com dor tipo cólica das forte, todo santo dia. Aí tive que ir no médico, agora ele me disse que tenho uma infecção qualquer e vou ter que operar. Ainda não fui mas acho que depois disso não vou mais poder ter filho. (S.33 anos)

Quando a situação está pautada numa 'relação afectiva' a história pode acabar de outras formas. R., 45 anos, conta a história de C., uma brasileira de 24 anos, muito bonita, que trabalhava na casa e conheceu um

homem português solteiro, meio quarentão. Começaram a 'namora' e ele ficou como único cliente, tava tudo bem até ela engravidar. Pra surpresa, ele aceitou a gravidez e até parecia feliz. Alugou um apartamento para ela morar, levava no médico e não deixava nada faltar. Depois que o filho nasceu, e é um menino lindo, agora tá com um ano e três meses, ele se tornou violento, batia nela com frequência. Ela tentou voltar pro Brasil mas não conseguiu porque ele não autorizava o embarque da criança, só então se deu conta: o que ele queria era ficar só com o menino. A família dele adorava a criança não tinham netos e a irmã dele já era velha, não ia ter mais. Eles queriam de todo jeito a criança. Com tudo isso a C. ficou caída, em depressão mesmo, não conseguiu mais trabalhar [no alterne] não tinha cabeça. Arrumou emprego de manicure e tá lá até hoje. É ela que faz as unhas da gente. Agora ganha pouco e não consegue pagar advogado. E ele não ajuda, não dá dinheiro, ele compra as roupa, leva no médico e compra a comida só pro menino, mas não ajuda com aluguel nem babá, nem nada. Faz chantagem que se ela for embora e deixa o menino com ele, ele paga a passagem. (R., 45 anos)

No meio do caos sempre podem surgir novas formas de estruturação familiar. É a história de A., 23 anos, que sempre gostou de crianças e quando se viu grávida, por ter certeza que o filho era do namorado T., 24 anos, brasileiro, decidiu assumir a gravidez. O casal namorava há poucos meses, conheceram-se na Costa e ambos vinham de Governador Valadares. A. também fazia 'part time' numa lanchonete. Planejavam reunir condições e migrar juntos para os EUA. A gravidez veio alterar os planos de migração já incorporados por ambas as famílias. A. passou a trabalhar, temporariamente, apenas na lanchonete. Os laços que os uniam não foram suficientes para mudar os projectos migratórios em que estavam inseridos e T. seguiu sozinho para os EUA. A. teve o bebé num hospital de Almada, e logo a seguir embarcou para o Brasil, onde o entregou aos cuidados da avó materna. O casal reveza-se mensalmente nas remessas destinadas ao sustento do bebé e suas famílias revezam-se para dar os cuidados necessários, sendo que normalmente o bebé, hoje com 8 meses, passa a semana em casa da avó materna e os finais de semana em casa dos avós paternos.

Esta e outras diferentes formas de 'estrutura familiar' são comumente encontradas nas 'famílias transnacionais' (Zontini, 2004), pois o projecto migratório parece não ter fim, constitui-se como uma fonte de renda e de financiamento dos objectivos familiares e estes objectivos estão em constante

alteração. O que ocorre é que em determinado momento, ou idade, o indivíduo pode optar por 'descansar' e passar alguns meses no Brasil. Até este momento não encontrei no terreno nenhuma família que houvesse experimentado e concluído definitivamente um projecto migratório. Diante do possível retorno de um membro há sempre a necessidade de se prover a subsistência e manutenção dos planos económicos e, portanto, a continuidade de projecto. A mulher pode inclusive ser substituída temporariamente por sua mãe, que chega com contactos mais ou menos acertados para trabalhar como mulher de limpeza ou auxiliar de cozinha, mas, neste caso, não se envolve com as actividades de alterne.

### **Considerações finais**

O interesse pela vida quotidiana navega, no âmbito da sociologia, em meio a um amplo campo de investigações teóricas e, em revisão à ideia positivista de que só o fato 'sem vida' é social, afirma o senso comum enquanto conhecimento - compartilhado entre os sujeitos - pelo qual o homem define sua vida, dando-lhe realidade e sentido (significado), que não é reflexo puro de processos estruturais, mas resultado de interacções e reconhecimentos.

A interacção é precedida pela simulação, pelo exercício que o sujeito faz de experimentar-se como outro, numa relação de exterioridade consigo mesmo. Uma construção imaginária de um outro 'eu' a partir de si próprio, como - no caso das mulheres que entrevistei - uma possibilidade de deixar guardada a sua face 'boa moça' no país de origem, e dar espaço a moça lutadora, realizadora, como se houvesse uma mágica capaz de dar espaço e tempo diferentes para uma mulher, fazendo dela 'duas' ou mais mulheres. Ou são estas as máscaras nossas de todos os dias?

Desta forma, o vivido abre-se como espaço das contradições e das criações, como espaço das transformações sociais - a experiência da vida de todo dia é construída em relação às injustiças, às pressões, às relações desiguais que surgem como contrapontos para a dinâmica da construção da identidade social. A temática dos modos de vida enfatiza as práticas quotidianas, as condutas que perpassam os campos sociais na compreensão das estruturas. Muitas destas práticas estruturam-se no campo da família, entendida como espaço historicamente construído, simbólico, onde se tece

uma experiência específica - vivida dos pontos de vista do masculino e do feminino - da sociedade avaliada e interpretada, onde se organizam a sexualidade, a reprodução, o afecto e os desejos.

No universo desta pesquisa, a família representa um espaço de referência moral, valorativa, muito forte, no qual as imigrantes produzem e interpretam sua condição em meio a uma aparente confusão de arranjos 'familiares': as idéias de que vivem na marginalidade e na promiscuidade, perpassadas pelos valores limpeza, ordem, asseio, na maior parte das vezes remetidos às mulheres como papel social, surgem como críticas com base na noção de comunidade. Na verdade, não há como definir a comunidade, visto que ela se articula historicamente em referência às relações fundamentadas por deveres, direitos, afectos e desafectos comuns, não como instituição formal, naturalmente estabelecida.

A situação social das mulheres migrantes ocorre em uma relação entre a dinâmica social mais ampla e o núcleo privado, tendo em vista que as funções que a família exerce são estreitamente dependentes do lugar que ocupa na organização social e económica no país de origem. Esse 'lugar' familiar contribui para instigar e organizar os processos migratórios e pode-se verificar as consequências dessa contribuição ao se questionar sobre as remessas feitas ao Brasil. A maior parte das imigrantes entrevistadas nesta pesquisa sobrevive com poucos recursos para enviar a família, mensalmente, a maior quantia possível. Primeiramente as remessas se destinam a pagar as possíveis dívidas contraídas com a compra da passagem, depois para pagar outros tipos de dívidas, comprar um terreno, construir ou reformar uma casa, comprar eletrodomésticos

...na minha idade...fazer o quê? Trabalhei a vida inteira pra não ter nada. tudo que tinha era de segunda mão, até roupa. Depois de me divorcia fiquei cinco anos morando num quarto na casa da minha irmã. Sem estudo e sem profissão....e o pai deles não pagava pensão, vivia bêbado e desempregado. Vim pra cá e primeiro fui trabalhar na limpeza, limpava trinta prédio por dia, subia escada o dia todo com balde e esfregona na mão. No fim do dia tava moída pra ganha quatrocentos euros. Só de aluguel pagava cento e vinte. Não dava prá nada. Agora meus menino [de 17 e 14 anos] tão os dois na escola, só estudam. Já comprei um terreno do lado da casa da minha irmã e vou construir quatro peças, só volto quando tiver tudo prontinho. Não vou pagar aluguel nunca mais, é um dinheiro que vai e não volta. E ainda quero comprar um carrinho... (fica sem jeito e ri). (H., 42 anos)

..todo mês eu compro uma roupinha e mando. Não resisto, passo no shopping e vejo aquela loja de roupas infantis e mando pró meu bebê, ligo quase todo dia, minha mãe põe ele no telefone, ela diz que ele já sabe que sou eu, falo com ele e ele diz 'mã', eu sei que ele conhece minha voz, ai choro, choro muito. Mas quando é que trabalhando no Brasil eu ia consegui fazer as coisas que faço? Minha mãe contou que já terminaram de reformar a cozinha, ta tudo azulejado, coisa mais linda, precisa de vê. E no último natal eu mandei dinheiro pra ela compra uma geladeira nova e ainda sobrou pró fogão. Precisa de vê como ficou lindo. Quando que eu ia pode dá um presente desses pra minha mãe? E meu filho tem do bom e do melhor, até Unimed [convênio de saúde particular] ele tem, se precisar de qualquer coisinha, fica em apartamento individual. E o berço? foi comprado novo com o protetor e tudo e antes de ir embora eu quero juntar uma poupança pra garantir que ele estude até o fim [faculdade] não vou deixa falta nada pra ele. (A., 23 anos)

Nesse contexto, os chamados papéis femininos articulam-se em um âmbito mais amplo: surgem para além do contexto das lutas feministas sobre as desigualdades. Estas mulheres assumem fortemente a responsabilidade pelo 'futuro' da família, são respeitadas e reverenciadas entre os seus<sup>10</sup> e protegidas das possíveis produções sociais dos 'de fora'<sup>11</sup>, o que lhes garante ao retornar uma oportunidade de reativar uma vida 'normal', seja lá o que isso significa.

Os lugares ocupados por homens e mulheres são ocupados de forma construída em referência às "relações sociais de sexo", marcadas pela hierarquia e pela dominação - essas relações são transversais a todos os campos sociais, à esfera afetiva e perpassam a esfera produtiva. Trabalhar, portanto, na busca das práticas sociais das mulheres imigrantes em casas de alterne e dos pontos de vista que as pessoas em geral desenvolvem a seu respeito, significa levar em conta as dimensões explicitadas acima, e considerar que quando falamos em cotidiano e representações estamos refletindo sobre o teor sexuado das relações sociais. Nesse texto, a pesquisa de campo - realizada no sentido de compreender e perceber, nessas relações, pontos importantes para pensar a exclusão - fundamenta-se nas falas de cinco mulheres, falas marcadas por uma apreensão 'diferente' dos acontecimentos: a liberdade de decidir sobre o corpo (quem poderá tocá-lo ou não, se quer ter um

---

<sup>10</sup> Numa das visitas, P., 24 anos, mãe de um menino de 8 meses que está no Brasil com a avó materna, me mostrou emocionada uma foto em que chegava a casa de sua mãe e era recebida pelas tias, primas e avós com uma chuva de confetes. Disse que ver a felicidade de sua família compensava qualquer sacrifício.

<sup>11</sup> A família normalmente divulga aos amigos que a imigrante esta trabalhando como babá, acompanhante de idosos, auxiliar de cozinha, vendedora em shopping, etc.

filho ou não, etc.), sobre higiene e comportamento, a busca por um companheiro, a busca por estabilidade financeira, a realização dos objectivos materiais e as preocupações com manter seu 'lugar' na estrutura da família, perpassam as falas (e as vidas) destas imigrantes.

...eu não vou mais dar roupa pra P., ela não gosta de lavar, usa uma calça o mês todo e depois joga fora, é capaz de jogar fora roupa boa, já encontrei uma sacola cheia de coisa no lixo, disse pra ela: 'se você não vai usar me diz que dou pra outra'. Aí pedi pra usar minha máquina de lavar, eu deixei. Agora p. [gesticula irritada] já fez dez meses e ela não compra uma máquina, compra um monte de porcaria mas não compra uma máquina. Assim já é abuso, eu não ajudo mais. (S., 33 anos)

... a S. já fez três abortos. Eu só soube depois. Um dia me chamou pra ir na casa dela que ia fazer [um aborto] e que eu era como uma irmã pra ela, precisava de mim. Cheguei lá e vi quando ela enguliu os dois comprimidos e enfiou outros dois. Eu nunca tinha visto.[arregala os olhos e balança negativamente a cabeça] Se encheu de roupa, deitou e se cobriu toda. Começo treme e suava, chorava, se contorcia, tinha ânsia de vomito, mordida um pano pra não grita de dor e chamar atenção dos vizinhos. E eu ali, fiquei com muito medo, se aquilo desse mal eu nem sabia o que fazer, ela só pedia pra mim não chamar ninguém, implorava que só confiava em mim que eu não podia abandonar ela, dizia que era assim mesmo, que tava tudo bem. Aguentei firme. De repente ela levantou, tava pálida e tremia, foi pro banheiro, tinha sangue por todo lado. Vomitei. Agora, tomara que tome juízo, eu não quero ver aquilo de novo nem morta. (P., 17 anos)

É com base nestas falas que podemos compor o universo das ações de confiança e de ajuda, observando como estabeleceram-se as relações entre os atores: o que estas relações revelam e o que têm a ver com as representações das próprias imigrantes? No que essas redes contribuem para a efetivação de uma vida melhor? Ou já não haveria um modo de vida melhor e apenas uma continuidade do mesmo modo de vida que poderiam estar tendo no país de origem? Uma primeira impressão ao ler somente os depoimentos acima é que as mulheres estavam ali, impotentes, dispersas, desorientadas.

Outra questão que se coloca é o que entendemos por irmã ou família. Quando um individuo trata o outro 'como uma irmã' que tipo de cumplicidade estas palavras evocam? Nesse contexto, os 'arranjos familiares' extrapolam todas as expectativas. É raro que as pessoas que vivem no mesmo apartamento constituam uma mesma família. Para diminuir despesas, as imigrantes alugam apartamentos e dividem diariamente a cozinha, o banheiro e até a cama com pessoas que até então nunca haviam visto. Estes arranjos são extremamente dinâmicos, fluidos, em um mesmo mês uma 'residente' pode se

mudar três vezes. Isso provoca uma ‘quebra’ na rede de confiança e uma extrema valorização das ‘irmãs’ ou amigas que permanecem na casa por períodos mais prolongados. Todas essas flutuações estiveram muitas vezes directamente relacionadas, mas não somente, a situações económicas.

O local de moradia e o local de trabalho [casa de alterne] formavam um espaço onde as relações sociais sobrepunham-se e entrelaçavam-se de forma intensa e a tempo integral, contribuindo para a congruência ou afastamento entre os indivíduos. Porém, a chegada ou a partida de um indivíduo deve ser entendida não como desorganização, desorientação, mas como dinâmica e meio de sobrevivência económica e afectiva.

Afinal, as condições de vida no local [casa de alterne] eram, numa conotação ambígua, estáveis - a brasileira proprietária da casa encarregava-se da manutenção do bar, pagamento de impostos e despesas com água, luz e gás, além da alimentação e atendimento aos clientes - e provisórias, gerando sentimentos de insegurança, pois não se sabia por quanto tempo a situação se estenderia:

nós nunca sabemos até quando isso vai dar certo, num dia esta tudo bem, no outro precisamos sair, ou não podemos trabalhar porque ficamos doentes, a pressão é muito grande, eu vivo com dores de cabeça e estômago. É sorte estar aqui, porque aqui somos todas amigas e não há nenhum proprietário para nos explorar, nós sabemos quanto a R.[proprietária] ganha, mas é justo porque tem que manter isso funcionando, e assim uma protege a outra. Mas quero ir embora logo, você viu o que aconteceu com a M?<sup>12</sup> Não quero acabar assim (H, 42 anos)

Essa fala revela um pouco de uma dinâmica marcada por sequentes e intermináveis rupturas na vida – como a nossa - de mulheres imigrantes.

A noção de transnacionalismo<sup>13</sup> delega um aspecto de autonomia aos sujeitos que transitam, não necessariamente incorporados, seja como condições que viabilizam a viagem, seja no significado embutido na mesma. Portanto, tal como o conceito de diáspora, ampliado e múltiplo, a perspectiva

---

<sup>12</sup> Ocorreu no mês de julho de 2005. M. 42 anos, imigrante não documentada, estava num carro com outras três mulheres, seguiam em direção a uma quinta para atender uma festa particular, sofreram um acidente e M. foi jogada para fora do carro vindo a falecer. Desde então seu corpo esta no necrotério local porque a família no Brasil não tem recursos para fazer o traslado e as colegas, também não documentadas, tem medo de buscar auxílio e também não possuem recursos económicos para ajudar.

<sup>13</sup> Como ‘el proceso por el cual los trasmigrantes, a través de su actividad cotidiana, forjan u sostienen relaciones sociales, económicas y políticas multilíneas que vinculan sus sociedades de origen con las de asentamiento y a través de las cuales crean campos transnacionales que atraviesan las fronteras nacionales’ (Basch, in Portes, 2001:p.470)

transnacional pode referir-se a importância das condições sociais que envolvem este trânsito nacional. Nesta condição, apesar de as propostas assumidas pelas famílias nascerem de forma autónoma, elas não prevêm o resultado destas experiências de trânsito internacional. A família organiza o projecto de migração, pautada na motivação e expectativa de melhorias gerais nas condições financeiras. Porém, a vida da pessoa que migra é directamente afectada/alterada, sofre uma mudança de status mesmo dentro da família, que passa a vinculá-la a todo tipo de decisões que precisem ser tomadas, seja sobre que tipo de telhado usar na construção de uma casa, qual médico deverá atender um problema de doença, quando trocar um eletrodoméstico, que escola e marca de ténis deve ser adequado para o filho, etc. e, principalmente, qual o melhor momento para iniciar outro familiar no projecto ou dar continuidade ao processo migratório dos que já se encontram no estrangeiro. Este 'status' amarra o indivíduo e o mantém prisioneiro na ordenação migratória projectada pela família. Nesse contexto, não é raro encontrar situações em que mulheres sofrem fortes explorações laborais, mas em momento algum colocam a hipótese de retornar ao Brasil, pois 'desistir' seria aceitar uma carga de cobrança muito superior as suas forças: a cobrança familiar, o olhar de reprovação daqueles que lhe depositaram sua confiança e esperança.

Para Castles e Miller (2003) 'as comunidades transnacionais não são novas, embora o termo seja. O conceito de diáspora recua a tempos antigos, e foi usado para pessoas deslocadas ou dispersas pela força (...). Também foi aplicado a certos grupos dedicados a actividades comerciais (...), tal como a alguns trabalhadores migrantes. O termo diáspora tem, muitas vezes, conotações emocionais fortes, enquanto a noção de comunidade transnacional é mais neutra. O fator novo é a proliferação rápida de comunidades transnacionais num contexto de globalização. O transnacionalismo vai continuar a crescer, e as comunidades transnacionais irão tornar-se um modo cada vez mais importante de organizar actividades, relações e identidades para um numero crescente de pessoas com ligações a dois ou mais países'.

Finalmente, no dia a dia de minhas entrevistadas a noção de diáspora nada tem a ver com o glamour pelo trânsito internacional, ainda que em alguns momentos o acesso a 'mobilidade' laboral, 'conhecer' vários países da Europa,

pode evocar características de um transnacionalismo, um cidadão do mundo, com capacidades para romper fronteiras e se mover em códigos culturais diversificados.

No entanto, o que ocorre é o contrário, o desenraizamento sofrido pelos indivíduos é complexamente codificado em sua estruturação e viabilização e provoca, grande parte das vezes, dor e medo. Medo frente as situações quotidianas de vulnerabilidade, ilegalidade e incerteza encontradas no espaço laboral, principalmente numa casa de alterne. E dor nas suas diversas formas, pela impossibilidade de estar ao lado de seus amigos e familiares, pelas decepções afectivas que, por vezes, contribuem para agravar a já frágil estrutura emocional, com os sentimentos de impotência e incapacidade profissional que as impedem de optar por outras funções, com as consequências imprevistas sobre o corpo [gravidez, doenças, dependência química, etc.]. Estas experiências são repaginadas pela família e traduzidas aos amigos e parentes de uma forma mais colorida e positiva. O próprio indivíduo, ao telefonar ou retornar ao país para férias, alimenta esta repaginação, pois sabe que isso significa a produção e reprodução de um reconhecimento dos laços familiares – no que seja a contemporânea estrutura familiar de um imigrante.

## Referências

- AGUSTIN, L. (2005) The cultural study of commercial sex. *Sexualities*. London: Sage Publications, nº 8, pp.681-694.
- AGUSTIN, L. (2006) The disappearing of a migration category: migrants who sell sex. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. Vol. 32, nº 1, January 2006, pp.29-47.
- ARGUELLO, O. (2001) Migraciones, pobreza y sociedad: outra mirada desde la sociologia. *Estudios Migratórios Latinoamericanos*, ano 16, nº49, pp.487-511.
- BACHELARD, G. (1975) *A Formação do Espírito Científico: Contribuição para uma Psicoanálise do Conhecimento Objetivo*.
- BARROS, M. de. (1989) Memória e família. *Estudos Históricos*, v.2, pp. 29-43.
- BERNARDO, T. (1998) *Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo*. São Paulo: Educ, Unesp.
- BOURDIEU, P. (1989) *O poder Simbólico*. Lisboa: Bertrand.
- \_\_\_\_\_ (1997) (Coord.) *A Miséria do Mundo*. 1 ed., Rio de Janeiro: Vozes.
- CASTLES, S. (2005) *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: dos Trabalhadores Convidados às Migrações Globais*. s.l., Fim de Século.
- CASTLES, S. e MILLER, M.J. (2003) *The Age of Migration - International Population Movements in the Modern World*, 3a ed., Houndmills, Palgrave Macmillan.
- COHEN, Y. (1993) História oral: uma metodologia, um modo de pensar, um modo de transformar as Ciências Sociais? *Ciências Sociais Hoje*, v. 15, pp. 267-275.
- DURKHEIM, E. (1987) *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Nacional.
- DUSSEL, E. (1973) *América Latina: Dependência y Liberación*. Buenos Aires.
- GEERTZ, C. (1989) *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- HALBWACHS, M. (1925/1990) *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris, Libraire Felix Alcan.
- ITURRA, R. (2001). Trabalho de campo e observação participante em Antropologia. In SILVA, A. S. e PINTO, J.M. (orgs), *Metodologia das Ciências Sociais*. 11ª ed.. Porto: Afrontamento.
- LEAL, M.F. e LEAL M.L (2002) *Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial no Brasil*, CECREA, Brasília.
- MACHADO, I. (2003) *Cárcere Público: Processos de Exotização entre Imigrantes Brasileiros no Porto, Portugal*. Campinas, SP.
- PAPASTERGIADIS, N. (2000) *The Turbulence of Migration. Globalization, Deterritorialization and Hybridity*. Cambridge: Polity Press.
- PEIXOTO, J. et al. (2005) *O Tráfico de Migrantes em Portugal: Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas*. Lisboa: Observatório da Imigração.
- PORTES, A. (2001) Debates y significación del transnacionalismo de los inmigrantes. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, ano 16, nº 49, pp. 469-483.
- THIOLLENT, M. (1982) *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*, 3.ed. São Paulo: Polis.
- \_\_\_\_\_ (1988) *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.
- VELHO, G. (2003) *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- VERTOVEC, S. (2003) Migration and other modes of transnationalism. *International Migration Review*, 37, pp.641-665.
- ZONTINI, E. (2004) Immigrant women in Barcelona: coping with the consequences of transnational lives. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol 30, nº6, pp. 1113 – 1144.